

## ESPAÇO PLANEJADO: O CERRADO E SUAS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES

Jessica Meireles Pereira

Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás.

[jessica\\_meirelesp@hotmail.com](mailto:jessica_meirelesp@hotmail.com)

Fernanda Alves da Silva Oliveira

Graduada em História e mestranda em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás.

[fernandaalvys@hotmail.com](mailto:fernandaalvys@hotmail.com)

20

**RESUMO:** Este trabalho consiste em apresentar algumas das representações que constroem a imagem do cerrado goiano sob o enfoque do processo histórico que levou a construção de cidades como Goiânia e Brasília. Assim, procuraremos demonstrar que existem múltiplas formas interpretativas do cenário em questão, o que torna este campo de investigação dinâmico. Para tanto faremos um breve histórico de alguns acontecimentos históricos que consideramos relevantes para se compreender uma gama de representações que foram se consolidando ao longo do período que se estende com a descoberta do ouro em Goiás, que para nós representa além do primeiro passo para a ocupação do estado responsável por dar início ao discurso do progresso, que chega ao ápice com a construção das cidades planejadas.

**Palavras-chave:** cerrado, representações, planejamento.

**ABSTRACT:** This paper is to present some of the representations on the image of the vegetation of the Brazilian interior in Goiás from the standpoint of the historical process that led to the construction of cities as Brasília and Goiânia. So, try to demonstrate that there are multiple forms of interpretative scenario in question, which makes this dynamic field of research. For this we will do a brief history of some historical events that we consider relevant for understanding a range of representations that were consolidated during the period extending to the discovery of gold in Goiás, which for us is the first step in addition to the occupation responsible for the state to initiate the discourse of progress, which reaches its climax with the construction of the planned cities.

**Keywords:** savannah, representations, planning.

### O CERRADO NA HISTORIOGRAFIA

Antes de partir para uma discussão propriamente sobre Goiânia e Brasília, nesse ensaio procuraremos identificar quais representações foram construídas do território, da natureza e do povo goiano para tentar entender um dos métodos amplamente usados na mobilização para a construção tanto de Goiânia como de Brasília, que foi o discurso do

progresso, usado pelos defensores da construção desses espaços planejados, embasado em justificativas “históricas”.

As representações do cerrado tomaram formas contraditórias durante períodos específicos, que tinham diversas intenções que culminavam tanto para enaltecer como para depreciá-lo, termos como inóspito, árido, atrasado, celeiro do Brasil, foram inúmeras vezes usados e repetidos por agentes sociais de determinados contextos temporais e espaciais. Contudo, se questionarmos qual melhor representação condiz com a História do Cerrado, teríamos uma questão difícil de responder, porém esses termos podem e devem ser instigado se contrariados, afinal qual seria a finalidade de criar tais representações? Talvez para explicar o progressismo, afinal o progresso é o oposto do atraso, certamente é aí que as imagens construídas desse sertão goiano se deturpam, mas eis a historiografia para esclarecer essa questão.

Ao fazermos um retrocesso temporal para essa análise, não poderíamos deixar de mencionar o período da mineração, é possível afirmar que a descoberta do ouro favoreceu para que ocorresse um fluxo migratório em áreas do Cerrado goiano, o que acabou por levar a construção de vilas e cidades, no entanto, estas muitas vezes construídas sem uma estrutura refinada, geralmente dependências provisórias já que a maior parte desse contingente de migrantes não tinha o plano de estabelecer uma moradia fixa, mas de certamente enriquecer e voltar para sua terra de origem. A questão de estruturação das casas e outros aspectos desse período despertou o olhar de viajantes europeus que baseados em experiências de vida e realidade totalmente diversa daquela em que estavam acostumados na Europa classificaram a estrutura das casas e edifícios do interior de forma negativa, e somando a outras peculiaridades que tornavam suas viagens e pousos nas primeiras vilas e cidades goianas problemáticas como a precariedade das estradas, inexistência de hospedarias, a falta de viveres para os animais de carga.

Problemas que segundo eles se intensificam em maior gravidade com a crise do ouro, e assim Goiás é descrito nestes relatos como um lugar de penúria. A natureza e o povo são adjetivados de forma negativa, em que se recrimina quase tudo no modo de se viver do sertanejo, o caracterizando como sujeito responsável, inclusive no que se refere à precária situação econômica. Estas considerações dos viajantes, tinham como base a comparação com a situações e contextos vivenciados em outros lugares, os relatos dos viajantes tem uma contribuição importantíssima para a historiografia do Cerrado, por trazerem informações que

justificam as representações negativas do Cerrado em um determinado contexto histórico. No entanto, essas imagens negativas obtiveram a partir de pesquisas, outras explicações que procuraram desconstruir as representações anteriores.

Nasr Faiad Chaul, em suas pesquisas se preocupou em desconstruir a imagem de decadência construída sobre a queda da mineração, para ele:

Enquanto no tempo do ouro todas as riquezas possíveis foram sugadas, sem um legado mais expressivo, sem uma herança que justificasse qualquer desenvolvimento para que se pudesse falar, como se falou em, em decadência, a pecuária proporcionou o desenvolvimento do mercado interno e serviu de base para a ascensão plena da agricultura [...] (2001, p. 91)

Segundo o mesmo, em torno disso tudo girava uma gama diversa de interesses políticos, ele ainda ressalta que ao contrário dessa visão construída sob uma analogia de decadência total por causa do esgotamento do ciclo do ouro, houve sim um desenvolvimento constante por causa da “readaptação econômica”, desta forma *"assim que o ouro deixou de representar o principal produto da economia goiana, um processo de 'êxodo aurífero' fez com que um forte contingente populacional abandonasse a Província para se dedicar à lavoura e à pecuária"* (2001, p. 91). Não podemos deixar de mencionar que a mineração do ouro em Goiás não foi tão expressiva, se comparada a outras regiões como, por exemplo, Minas Gerais, para que se pudesse falar em decadência nesse sentido extremado para a economia da região.

A pecuária antecessora da mineração e que tinha a vantagem de se auto transportar, mesmo mediante as inúmeras perdas, e acabou por influenciar a produção agrícola, que até então devido a deficiência dos meios de transporte, por décadas desmotivou a produção em larga escala.

Com a marcha do café, desenvolvida principalmente no sudeste do país, ocorre uma procura maior por produtos agropecuários, uma vez que as terras dessa região estavam sendo sistematicamente ocupadas pelas lavouras de café, era preciso adquirir esses produtos de outras regiões, e Goiás se beneficia tanto pela demanda da produção que tinha aumentando, mais principalmente pela entrada dos trilhos que dinamiza o setor econômico, e permite o transporte tanto do café, como de produtos agrícolas solucionando uma das principais dificuldades dos produtores de alimentos que era o transporte.

O desenvolvimento do transporte solucionava uma posição das mais críticas de autores como Luiz Pallacin (1994) que destacava o isolamento como uma das principais deficiências de Goiás. Mas os sintomas da decadência, para o autor, eram mais profundos, recaia não apenas pela economia, e infraestrutura deficiente e a ruralização, mas também atingia a própria população que possuía características de tristeza e depressão. Essa leitura da decadência despertou o senso crítico de outros pesquisadores, que procuraram expor outros pontos de vista sobre o tema, desconstruindo muitas das imagens negativas tanto do território como do povo.

Temos então, a partir dessas pesquisas, a construção de diversas representações tanto no sentido pejorativo, como também visões positivas, que procuravam até mesmo enaltecer a imagem do Cerrado Goiano. O território passa a ser alvo de interesses diversos, devido a suas possibilidades econômicas pouco exploradas até o século XIX.

Segundo Chaul“*a partir dos 12 anos de século XX que Goiás iniciará seu processo de inserção no mercado nacional com mais vigor*” (2001, p. 104), ele aponta dois fatores para explicar tal fenômeno, são eles: o desenvolvimento da economia cafeeira no Centro sul do país e a penetração dos trilhos da estrada de ferro no território goiano. Esses fatores foram importantes por possibilitar uma maior dinâmica econômica no estado, mediante ao desenvolvimento da agricultura propiciada por uma maior procura pelo Centro Sul do País destes produtos, já que nessas regiões a terra estava empregada para o cultivo do café e a chegada dos trilhos da estrada de ferro possibilitou uma maior mobilidade dos produtos uma vez que o transporte deixa de ser um empecilho para a produção.

## **O CERRADO NA MIRA DOS PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO**

Diante e tal projeção no século XX, no interior da cena política, o estado de Goiás é território de vários discursos visando uma maior integração do mesmo na economia nacional. Nesse âmbito se pleiteava nos discursos políticos a ruptura com o passado de marasmo, atraso e decadência em virtude de um novo tempo de prosperidade em um futuro próximo.

Tais discursos certamente remetem á uma forma estratégica, onde a política que se instaurava utilizava como argumento para formar uma idealização encadeada por uma apologia modernista, nesse caso a mudança da capital do estado, e a construção de Goiânia

naquele contexto tinha como justificativa uma imagem pessimista da cidade de Goiás e de seus habitantes.

A Revolução de 30 e a queda do “caiadismo” influenciaram muito nessa construção imagética. Pedro Ludovico então um médico nascido na cidade de Goiás, preconiza uma nova política longe da “familiocracia” e do coronelismo da família Caiado, com a tomada de Getúlio Vargas e até com o apoio do mesmo, defende o fim da república velha e constrói uma ideologia de romper com o velho e iniciar o novo, criar uma nova capital que vise a modernidade e traga o desenvolvimento, dessa forma não foi casualidade que a região escolhida para esse âmbito fosse próxima de Anápolis, cidade que nesse momento havia se tornado um importante pólo comercial com a chegada da linha férrea e nem que a mesma viesse a ser nomeada Goiânia, ou seja nova Goiás (mais uma vez apologia a ideia do novo), enquanto a antiga capital ficasse na nomenclatura de Goiás velho.

No entanto, Juscelino Polonial (2000) discorre sobre uma despreocupação com o social nessa modernização preconizada e também na construção de Goiânia que merece um respaldo. Segundo ele havia uma luta constante entre os camponeses e os latifúndios, os trabalhadores que em grande maioria eram tragos de outras regiões para a construção da nova capital viviam em condições de miséria e em más condições de trabalho, Chaul (2001) mesmo levanta que isso levou a várias greves nos anos de 1935 e 1936, essa realidade coloca em concreto o quanto o beneficiamento dessa modernização foi desigual, certamente o benefício era mais volumoso investidores, aqueles que com a valorização de suas terras no local da construção arrecadava um lucro alto.

## **CAPITAIS PLANEJADAS DO CERRADO GOIANO**

Goiânia foi o grande projeto entabulado por Pedro Ludovico para preencher o seu discurso de trazer o novo para Goiás, mas as mudanças em áreas do Cerrado goiano, não pararam, a construção de outra cidade movimentou os discursos políticos no século XX, não uma mera cidade, mas aquela que seria o lugar onde as decisões sobre o futuro do país seriam tomadas, a capital do Brasil. Novamente se apela para o discurso em torno da modernidade e do desenvolvimento, coincidentemente pronunciada por outro médico, Juscelino Kubitschek.

O projeto de construção da nova capital federal nos anos de 1950 tem em seu discurso ideológico semelhanças com o discurso em prol da nacionalização do país, da década

de 30, principalmente durante a era Vargas, em que várias medidas foram tomadas para promover a integração nacional. A construção de Brasília, no interior do Brasil, representaria entre outras coisas, aumento da acessibilidade e comunicação entre os estados brasileiros. Os discursos que defendiam a centralização da Capital, não foram construídos de um dia para a noite, vem desde outros tempos, podemos dizer que tomou forma no início da República, no entanto Kubitschek devido a uma conjuntura política favorável cercou-se de pessoas influentes para que tal plano fosse colocado em prática durante o seu governo.

O Rio de Janeiro aparentava ser naquele momento um terreno instável, o então presidente foi eleito depois de uma disputa acirrada com apenas 36% dos votos, além disso, naquele local a aglomeração de massa parecia propícia a levantes populares que poderia prejudicar o governo, estando a sede assim tão próxima, mudar a capital era uma articulação política necessária naquele contexto para que a gestão do presidente fosse legitimada. Kubitschek era um líder empático, conseguiu ganhar a simpatia tanto das massas como também da elite em seus discursos, o que era uma condição importante para que o projeto da construção de Brasília fosse executado.

A ferrovia e a construção de Goiânia representou a interação entre Goiás e o sudeste, a incorporação de uma economia, Brasília significaria a construção de algo novo e importante, a “integração nacional”. O que necessariamente viria acompanhado do progresso, discurso de tal forma pronunciado que inviabilizava qualquer forma de oposição, pois ele era colocado como o diagnóstico para problemas econômicos e sociais existentes no Brasil.

Cristiano Arrais (2008) levanta uma questão importante na construção de Goiânia e Brasília que era a pouca preocupação com questões sociais. Os construtores destas duas cidades passaram por situações semelhantes, enfrentaram condições de trabalho exaustivo e havia poucas maneiras de buscar por direitos trabalhistas. Sobre Brasília, José William Vesentini (1987) aborda essa questão com grande veemência, segundo ele o trabalho acontecia dia e noite em situações precárias para os trabalhadores principalmente na questão da segurança, o número de mortalidade era imenso e os seguranças das firmas e a guarda especial agiram por muitas vezes de forma violenta.

[...] essa lógica da diferença e da exclusão, do trabalho intenso mau remunerado de muitos em contraposição aos privilégios e posições de chefia de alguns, existente no período de edificação de Brasília, prosseguirá depois, sendo visível no zoneamento urbano e na segregação espacial, principalmente entre o plano piloto e as cidades-satélites. (VESENTINI, p.113)

Com a construção de Brasília o plano piloto não foi só a área da sede governamental, mas como o lar (concedido muitas vezes através das concessões) de pessoas influentes aliadas ao governo, notoriamente ali não seria a morada dos candangos, por exemplo, as pessoas de classes mais baixas formariam as cidades-satélites se restringindo ao entorno.

Brasília foi apresentada como o coração pulsante, como a fiel esposa do país, enquanto em torno de JK foi construída uma imagem de desbravador, o "anhanguera" como foi cantada na Sinfonia da Alvorada<sup>1</sup> composta por Tom Jobim e Vinícius de Moraes para a festa de apresentação da nova capital, colocando a mesma como a grande construção do deserto, a cidade que surgiu do solo árido do planalto central, um discurso certamente muito romântico, mas que era utilizado com uma forma de colocar tal obra como um bem nacional. No entanto, podemos perceber que os maiores beneficiados com a construção de Brasília, pertenciam a uma pequena parcela da população brasileira.

## **CONTROVÉRSIAS DO PLANEJAMENTO: O CERRADO PLANEJADO PARA QUEM?**

O Brasil viveu épocas de governos distintos, cada qual seguia um modelo de estilo político inspirado em alguma nação que detinha amplo poder, enquanto a sociedade era moldada afim de se encaixar no plano vigente, mesmo após a república isso perdurou, quando a Europa era um grande incipiente de ideias, a cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, aboliram cortiços para dar margem às ruas largas ao estilo de Paris, capital francesa, a população pobre foi empurrada para arredores e morros, James Holston (1993) alega que a questão das cidades planejadas ocorreu quando o Brasil estava em um momento de política desenvolvimentista embargada pelo capitalismo norte americano, havia forte apologia ao futuro e ao progresso, segundo ele promover uma nova fisionomia urbanística era uma forma de mudança social.

Goiânia e Brasília foram duas cidades planejadas sobre esse mesmo discurso progressista, moldado por uma série de princípios e interesses por parte dos governantes,

---

<sup>1</sup>Letra e música disponível em:

[http://www.viniusdemoraes.com.br/site/article.php3?id\\_article=1235](http://www.viniusdemoraes.com.br/site/article.php3?id_article=1235) .Acesso em:24 de julho 2013, às 11h.35min.

porém com o discurso de erradicar o atraso. Finalmente seria infame não levar certas premissas, sobretudo à visão levantada sobre a cidade de Goiás e que de certa forma auxiliou nessa “imposição” do moderno.

Os viajantes europeus que citamos construíam relatos palpados em suas próprias visões de cidades, quando em terras goianas chegaram a Europa já tinha passado pelo frenesi da revolução industrial, como mesmo respalda Cristina Helou Gomide (1999), e eram acostumados com a agitação das fábricas, enquanto Goiás após a crise do ouro havia ganhado vida própria e sossegada, mas nem por isso ociosa, as atividades pecuaristas e agrárias não tinham todo o movimento fabril, e por isso os forasteiros estrangeiros se encabulavam com tal serenidade deturpando a própria figura do vilaboense.

O discurso progressista de Ludovico era por motivos mais políticos que em nome da modernidade (a cidade de Goiás era o lar da oligarquia “caiadista”, mudar a capital seria uma estratégia para consolidar o poder), porém se formos considerar a análise do país desenvolvimentista que queria entrar na demanda de indústrias, ter a capital em uma cidade estritamente agrária e pecuarista possivelmente iria contra a “teoria modernista”.

A política da modernidade utilizava estrategicamente “monumentalizar” o desenvolvimento, ou seja, criava uma expectativa na população engajada em criar novidades visíveis, e aí entraram os urbanistas, engenheiros e arquitetos para dar forma e metamorfosear o jogo de interesses por trás desses discursos, que culminou na construção de Goiânia, tão diferente da arquitetura colonial da cidade de Goiás que para muitos era algo que lembrava a época do Brasil dependente de Portugal, fator que certamente entra para a lista dos motivos de mudar a capital do estado, instituindo a outrora Vila Boa o título de patrimônio histórico<sup>2</sup>, como bem salienta Gomide (1999).

Contudo falar em discursos que apresentem o motivo da construção desses planejamentos urbanos nos levaria a um trabalho analítico bem mais amplo que este, pois á uma série de questões e interesses envolvidos, porém Holston (1993) cita alguns desses discursos construídos ao longo de épocas distintas sobre a mudança da sede do governo federal, dentre essas comumente se encontravam termos como: “construir um novo

---

<sup>2</sup>Segundo Cristina Helou Gomide os primeiros tombamentos históricos da cidade de Goiás ocorreram na década 1950. GOMIDE, Cristina Helou. *Centralismo político e tradição histórica: 1930-1978*. 1999. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias)-Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999, p.185.

mundo”, “adentrar o país”, ou seja, aproximar-se das regiões centrais e centralizar o poder, desta forma:

A mitologia do Novo Mundo complementa a fundação de Brasília como um instrumento de desenvolvimento político e econômico. Desde o último quartel do século XVIII, reformadores, revolucionários e estadistas propunham a transferência da capital para o interior como meio de povoar, desenvolver e assegurar a posse do vasto sertão brasileiro. (1993, p.24.).

O discurso de Juscelino Kubitschek possuía algumas dessas promiscuas como continua Holston:

Em primeiro lugar, ele argumentava que a construção da capital daria a origem tanto a integração nacional (integração pela interiorização” era um de seus slogans) como ao desenvolvimento regional, levando o mercado nacional às regiões de economia de subsistência. Em segundo lugar, ele sustentava que Brasília iria produzir tanto um novo espaço nacional como uma nova época para o país, incorporando o interior à economia e sendo ao mesmo tempo o marco decisivo na trajetória temporal do país rumo à sua emergência como uma grande nação (1993.p.25).

Essas cidades foram baseadas em grandes projetos, palavras imponentes cheias de glorificação e afeto para com a história nacional tradicional, veemente moldaram sociedades, porém não consideraram os aspectos verdadeiramente sociais. A “capital do futuro” foi desenhada com avenidas largas e longas feitas para automóveis, não há esquinas onde as pessoas se encontram para bater papo, discutir suas políticas, ou para rebelar ou fazer motim (o grande medo que se tinha na época em que o Rio de Janeiro era sede da presidência), não há becos estreitos como os de Vila Boa, as ruas são meramente uma estratégia econômica, passagem para os trabalhadores, esses que se locomovem dos arredores para trabalharem no centro.

Como Holston (1993) novamente aponta há uma negação da desigualdade social em Brasília, Goiânia não está muito diferente desse quadro, o centro político e econômico são separados dos lares, essa é nova organização da modernidade, difícil seria encontrar uma família que se mantém com um salário mínimo morando no plano piloto.

Além disso, no meio disso á os “esquecidos”, aqueles que construíram os alicerces, levantaram ambas as cidades, as pessoas que fizeram o trabalho árduo que enalteceu e transformaram em “heróis” Ludovico e Kubitschek, os operários. Já pontuamos através das palavras de Vesentini (1987) e Chaul (1999) a situação de penúria vivida por esses trabalhadores, mas ainda vale ressaltar os atributos que a esses não foram dados, se falou muito em união nacional e integração, negou-se o conflito de classes existentes, mas é

interessante lembrar que as grandes capitais aqui discutidas foram erguidas por mãos que vinham tanto de perto quanto de regiões distantes a fim de conseguirem trabalho, mas que não participariam da vida ativa dos centros, a não ser para prestar serviços, o que nos leva a contrariar as frases tão bem elaboradas e repetidas que esses dois planejamentos urbanos foram feitos para o povo, novamente abrimos caminho para as palavras de Chaul que expressa abertamente essa questão de que “*Seria das mãos do operário que sairiam os prédios que valorizariam as ruas, que valorizariam uma área, que daria ao proprietário uma renda, que seria retirada da sociedade como um todo e que não retornaria, de forma alguma, ao operário que erguera os prédios.*” (1999.p.109).

Goiânia e Brasília embaçadas na ideologia de trazer o “novo”, modernizar o centro oeste, integrar o cerrado brasileiro, geraram uma série de resultados para a sociedade brasileira que se inseria na corrida capitalista, não se pode negar que a economia cresceu, a instrumentalização de produção das atividades econômicas se modernizaram, porém os maiores favorecidos não foram os operários, enfim não foi a massa que mais aproveitou dessas mudanças, mas sim uma minoria influente.

### **ENTRE MÚLTIPLOS OLHARES: UMA CONCLUSÃO PARCIAL**

O cerrado passou por muitos adventos, as representações foram construídas pelo corpo social que vivenciou determinada época, a historiografia deu auxílio para desmistificar algumas das imagens construídas, ou ao menos dar razão e encontrar fatores que contribuíram para dar vazão aos acontecimentos que se sucederam.

Goiânia foi construída por um alicerce de palavras que repetiam várias vezes a idealização do novo, porém para isso a antiga capital passou por uma tempestade de críticas que deram embasamento para o projeto. As dificuldades e o isolamento eram eminentes, comprovados por relatos e documentos, porém por vezes alguns desses fatos eram exageradamente agravados, pelos mais diferentes motivos, certamente tendo o poder político como questão principal. A revolução de 30 consolidou o poder de uma oligarquia e influenciou a transferência da capital.

Brasília tantas vezes pensada foi alavancada por braços cansados de candangos, que viviam e trabalhavam em condições nada saudáveis e confortáveis da mesma forma que os operários da nova capital goiana, sobretudo a esses restaram envolvimento até a

inauguração, a realidade de convivência e benefícios seria diferente daquela exaltada e prometida pelos discursos de seus governantes.

Essas duas capitais planejadas conseguiram sua importância política e econômica, contudo ainda restam lacunas, muitas lacunas a serem preenchidas, ideias à serem debatidas, e fatos a serem revistos e revelados. Afinal a história está sempre em movimento, é inacabável e discutível mesmo que aflija aquela história estagnada presente nos documentos oficiais.

## REFERÊNCIAS

ARRAIS, Cristiano Alencar. Projeções urbanas: *Um estudo sobre as formas de Representação e Mobilização do tempo na construção de Belo horizonte, Goiânia e Brasília*. Tese(doutorado em História). UFMG. Belo horizonte, 2008.

ASSIS, Wilson Rocha. *Os moderados e as representações de Goiásn' A Matutina Meiapotense (1830-1834)*. Dissertação (Mestrado em História) - UFG.Goiânia, 2007.

BARREIRA, Celene C. M. Antunes; CHAVEIRO, Eguimar Felício. Cartografia de um pensamento de Cerrado. In: PELÁ, Márcia; CASTILHO, Denis (Orgs.) *Cerrado: perspectivas e olhares*. Goiânia: Vieira, 2010. p. 15 a 34.

CHAUL, Nasr Fayad. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*.Goiânia: UFG, 1999.

CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: UFG, 2001. Cap. 2 - " Do berrante ao apito do trem". p. 91 a 152.

COELHO, Gustavo Neiva. *Arquitetura da mineração em Goiás*. Gioânia: Trilhas Urbanas, 2007.

GOMIDE, Cristina Helou. *Centralismo político e tradição histórica: 1930-1978*. 1999. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias)-Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

GOMIDE, Cristina Helou. *História da transferência da capital de Goiás para Goiânia*. Goiânia: Alternativa, 2003.

HOUSTON, James. *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MARANHÃO, Ricardo. *O governo Juscelino Kubitschek*. 6 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

MELLO, Marcelo. Brasília e a fragmentação territorial de seu entorno. In: Mello, Marcelo (Org.). *Universidade, pesquisa e produção do conhecimento*. Goiânia: Puc Goiás, 2012, p.61-67.

MIRANDA, Sabrina; CARVALHO, Plauto Simão de; SILVA, Karolina M. Almeida. O cerrado sob o olhar da biodiversidade. In: NETO. José E. Pinheiro; COSTA Sirlene A. Rodrigues; SILVA, Valtuir Moreira da. (Org.). *Múltiplos olhares: discursos, representações e paisagens*. Goiânia: Puc Goiás, 2012, p.117 a 128.

PALACIN, Luís. *Oséculo do ouro em Goiás*. Goiânia: Ed. da UCG, 1994. Cap. 2. cap. 3, Cap. 7.

POLONIAL, Juscelino. *Ensaio sobre a história de Anápolis*, GO: Associação educativa evangélica, 2000.

RIBEIRO, Darcy. O Brasil caipira. In: *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 329 a 368.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1966, p.313 a 339.

SILVA, Valtuir Moreira da. As representações sociais e históricas na ocupação do cerrado em Goiás: O enredo no vale do São Patrício. In: NETO. José E. Pinheiro; COSTA Sirlene A. Rodrigues; SILVA, Valtuir Moreira da. (Org.). *Múltiplos olhares: discursos, representações e paisagens*. Goiânia: Puc Goiás, 2012, p.79 a 91.

TEIXEIRA. Francisco. M. P. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Global. 2 ed., 2000.

VESENTINI, José William. *A capital da Geopolítica*. São Paulo: Ática, 1987.